



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ROSIANE FERREIRA DA SILVA

**MEMES NÓRDICOS E CRISTÃOS: A CONVERSÃO NÓRDICA COMO
RESULTADO DA REPLICAÇÃO MEMÉTICA**

**GUARABIRA-PB
2018**

ROSIANE FERREIRA DA SILVA

**MEMES NÓRDICOS E CRISTÃOS: A CONVERSÃO NÓRDICA COMO
RESULTADO DA REPLICAÇÃO MEMÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduanda em História.

Área de concentração: História, estudos
culturais, crença.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira
de Lima.

**GUARABIRA-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Rosiane Ferreira da.
Memes nórdicos e cristãos [manuscrito] : a conversão nórdica como resultado da replicação memética / Rosiane Ferreira da Silva. - 2018.
38 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Coordenação do Curso de História - CH."
1. Memes. 2. Mitologia Nórdica. 3. Cristianismo. I. Título
21. ed. CDD 398.22

ROSIANE FERREIRA DA SILVA

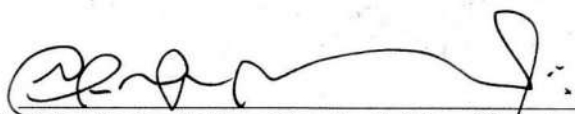
**MEMES NÓRDICOS E CRISTÃOS: A CONVERSÃO NÓRDICA COMO
RESULTADO DA REPLICAÇÃO MEMÉTICA**

Artigo apresentado (a) ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

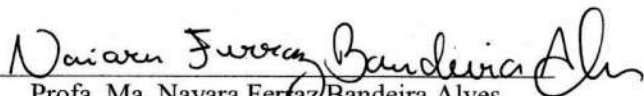
Área de concentração: História, estudos culturais, crença.

Aprovada em: 06/12/2018


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Nayara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por toda a sua força, coragem e
dedicação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Nenhum aluno de graduação conclui sozinho, assim como seu trajeto até chegar a este objetivo não se dá de forma individual. Existem pessoas que compõem nossos caminhos, não nos deixando voltar atrás nem desistir. Não escrevemos nem nos formamos sozinhos. Toda a força que obtive durante este trajeto veio de minha amadíssima mãe, Girlene Maria, que tanto cuidou de mim, lutou e esteve ao meu lado segurando minha mão nos dias de chuva, quando não me alimentava, ou quando o excesso de trabalhos me consumia. Nenhuma palavra aqui será suficiente para agradecer pela sua existência em minha vida. A força que me fez chegar até aqui foi herdada desta mulher incrível.

Agradeço a Gabi (Gabriela Pratti), que traduziu com tanto cuidado e amor o poema *Völuspá* e que de tão longe me mandou tantas energias positivas, motivando-me a escrever e a continuar a caminhada. Obrigada pela tua humanidade e pelo cuidado com as palavras. É um prazer poder te citar nesse trabalho e encontrar pessoas nesta caminhada como você.

Agradeço também aos colegas da minha turma de História que foram uma força motriz na minha luta de não desistir. Às tardes com vocês, acompanhada dos risos, dos debates, das “resenhas” e dos bolos de Glória, faziam-me seguir firme. A minha vida acadêmica não seria nunca a mesma sem a união e o amor que nos uniam e nos mantinham de pé. Agradeço muito por ter encontrado vocês, Amanda, Camila, Glória, Ivamberto, Joel, Ednilson, Israel, Bruno, Tiago, Esther, Robson, Gerlane, Joalison, Lidiane, Larissa e Adriana. Obrigada por tudo gente.

Agradeço ao meu orientador Carlos Adriano, que mesmo sem saber, reanimava-me em cada vez que o via, em toda vez que me passava os erros para corrigir e por me guiar ao mundo da memética, que me fez enxergar as coisas de um modo totalmente novo. Sua contribuição vai além deste trabalho. Obrigada por poder me guiar ao caminho de criticar os próprios memes que povoam a minha mente. Eu agora me volto contra os meus hospedeiros.

“Quando penso nos memes, muitas vezes me pego imaginando um padrão efêmero de faíscas inscontantes saltando de um cérebro para o outro, gritando “Eu, eu!””.

Douglas Hofstadter, 1983

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	9
2- MEME: UMA BREVE HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO E DIFUSÃO DAS IDEIAS NA MENTE.....	11
2.1- MITOLOGIA NÓRDICA: MEMEPLEXO, INSERÇÕES E SEU PROCESSO DE ESCRITA.....	20
3- CONVERSÃO NÓRDICA E CRISTIANISMO: ANÁLISES E DISCUSSÕES A PARTIR DO MEME.....	26
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

MEMES NÓRDICOS E CRISTÃOS: A CONVERSÃO NÓRDICA COMO RESULTADO DA REPLICAÇÃO MEMÉTICA

Rosiane Ferreira da Silva¹

RESUMO

Este trabalho pretende analisar, a partir da noção de memética, a relação entre as mitologias cristã e nórdica partindo-se da segunda Era Viking (séc. X-XI). Alguns trechos escolhidos foram retirados do mito do Ragnarök, que está contido no poema Völuspá, que se encontra na *Edda Poética*, coletânea preservada no manuscrito *Codex Regius* (c. 1270-1300). Para tanto, recorreram-se, como metodologia para análise comparativa, aos trechos da Bíblia Cristã e da mitologia nórdica. Considera-se que os elementos cristãos inseridos nos mitos nórdicos, são *memes* que conseguiram se replicar e sobreviver em um espaço atípico, a partir do contato entre as duas formas de religiosidade. Para tanto, estabelecemos diálogos com os seguintes autores, no intuito de compreender as relações entre memes e religião.: DAWKINS (2007), HARARI (2016-2018), LANGER (2015), ELIADE (2016), GLEIK (2013), FAUR (2011).

Palavras-chave: Memes. Mitologia Nórdica. Cristianismo

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: rosianesilva280@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A inserção de alguns trechos cristãos nos mitos nórdicos, em especial o Ragnarök, sobretudo no ano da conversão da Islândia ao cristianismo, ano 1000 d. C., ainda é uma discussão permeada de controvérsias no mundo acadêmico. Alguns estudiosos² alegam que a interferência cristã aconteceu bem antes da escrita dos mitos, ou seja, a partir da transmissão oral de pessoa a pessoa, bem antes desses mitos passarem a ser escritos. Outros alegam que a inserção de alguns elementos ocorreu apenas na escrita, por influência dos escritores cristãos.

Todavia, esse processo de transmissão e inserção de alguns elementos e/ou trechos cristãos na mitologia nórdica pode ser considerado, na perspectiva desta análise, um resultado do “trabalho” dos memes. A ideia de meme é uma criação do biólogo Richard Dawkins, que foi citada em sua obra “*O Gene egoísta*”, em 1976. O conceito de gene, esta molécula de DNA portadora da hereditariedade, é definido segundo Dawkins desta maneira (2007, p. 73): “um gene pode ser considerado uma unidade que sobrevive através de um grande número de corpos individuais sucessivos”. O meme é um replicador³, uma unidade de transmissão cultural que pode ser uma ideia, uma teoria, uma religião, trechos de uma música, uma prática cotidiana como escovar os dentes, um ditado popular que se espalhe de cérebro em cérebro como um vírus ou parasita, que consiga ser aceito por uma grande parte de cérebros e assim sobreviva.

Enquanto o gene se replica por meio dos corpos humanos, através da reprodução sexual, o meme seria um replicador que se propaga no campo das ideias, através da cultura. Ressaltamos, porém, que o caráter de naturalização e de certa matização biológica do replicador cultural é um ponto do qual discordamos, contudo, sem trazer prejuízos à análise relacionada com o mesmo. O meme, esta unidade de cultura, é responsável por até construir mentes humanas e compor até o que somos, já que nossas mentes são permeadas por ideias, preceitos, princípios que nos foram passados pelos nossos pais desde os nossos avós e etc.

Portanto, o principal objetivo deste trabalho será analisar a propagação e inserção de determinados elementos meméticos-cristãos na mitologia nórdica como mais um resultado da propagação de memes no campo cultural mítico-religioso. Os memes cristãos que se inseriram na mitologia nórdica sincretizaram com alguns memes nórdicos que conseguiram sobreviver se adaptando e compondo partes dos mitos nórdicos.

² Como é o caso do coordenador do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, Jhonni Langer.

³ “Um replicador é um informação codificada que faz cópias exatas de si mesma, junto com cópias inexatas ocasionais, ou “mutações.” (DAWKINS, 2007: 253)

O trabalho está dividido em três partes. No primeiro momento é apresentado como surgiu o conceito de meme e quais os possíveis elementos e fatores que contribuem para a replicação e propagação memética, assim como aqueles que favorecem determinados memes a se replicarem no campo nórdico e religioso. Na segunda parte deste trabalho, com base no poema *Völuspá*, foram selecionados alguns trechos sobre o Ragnarök, nos quais se observou a relação com elementos do cristianismo, optando por uma discussão comparativa dos trechos do Ragnarök com trechos bíblicos, cujas relações remetem às relações meméticas que tais sistemas de crença e mitologia reelaboram. Na terceira e última parte foi apresentada uma síntese das reflexões historiográficas de como ocorreu a conversão nórdica, e quais os possíveis fatores que podem ter contribuído para a inserção de memes cristãos na mitologia nórdica.

Alguns autores como Yuval Noah Harari, Steven Pinker, Richard Dawkins, Roger Chartier e James Gleik contribuíram para as principais discussões e reflexões acerca de como os elementos constituintes de significados culturais, tais como os memes, podem se replicar, não somente de forma individual, mas também podem compor grupamentos de memes que se auxiliam entre si e dessa forma sobrevivem coletivamente. Dentre as denominações possíveis podemos observar que memeplexo, *pool* de memes, narrativas ficcionais, representação e os próprios mitos podem ser considerados composições meméticas, compostos a partir de memes individuais que se associam entre si e que podem ser aplicados na discussão e análise da propagação de memes cristãos na composição escrita dos mitos nórdicos. Destarte, iniciamos nossa análise.

2. Meme: uma breve história da construção e difusão das ideias na mente

“Toda a vida evolui pela sobrevivência diferencial das entidades replicadoras. Onde quer que haja vida, deve haver replicadores.”

(Richard Dawkins, *apud* Gleik, 2013.)

Em seu livro, o *Gene Egoísta*, (2007), Richard Dawkins⁴ escreve sobre a evolução natural de Charles Darwin⁵, que recorre ao esforço dos genes, a unidade fundamental da hereditariedade, e recorre ao conceito deste para fundamentar uma de suas invenções, o meme. Segundo Dawkins, por muito tempo o gene foi considerado o replicador universal, ou seja, uma informação codificada que faz cópias exatas de si mesma, junto com cópias inexatas ocasionais ou “mutações⁶” que usam os nossos corpos como máquinas de transporte para se replicarem e assim sobreviverem.

O meme, este novo replicador que transmite heranças culturais, que circula no campo das ideias e que se multiplica por meio da imitação, propaga-se de forma mais veloz que o gene e assim como afirma Dawkins, (2007, p. 330) o meme “[...] já está alcançando uma mudança evolutiva a uma velocidade de deixar o velho gene, ofegante, muito para trás [...].” Desta maneira, as ideias podem ser circuladas de modo que elas se tornem tão permanentes ou tão aceitas que podem chegar a ser imortais. Para o autor:

[...] Quando morremos, há duas coisas que podemos deixar para trás: os genes e os memes. Fomos construídos como máquinas genéticas⁷, criadas para transmitir nossos genes. Porém, esse nosso aspecto será esquecido em três gerações [...] Nossos genes podem ser imortais, entretanto a *coleção* de genes que constitui uma pessoa qualquer está condenada a desaparecer. (DAWKINS, 2007, p. 340-341)

Tanto os genes quanto os memes são transmitidos para habitar máquinas de transporte, os corpos e os cérebros humanos. Os genes podem ser deixados para trás por meio da reprodução natural e os memes podem ser por meio das ideias, de uma música, de um livro ou

⁴ Formado pela Universidade de Oxford ensinou de zoologia na Universidade da Califórnia em Berkeley. Professor titular da cátedra de Compreensão Pública da Ciência de Oxford até 2008. Fonte: obra “O Gene Egoísta”, 2007.

⁵ Charles Darwin (1809-1882) foi um naturalista inglês, autor do livro “A Origem das espécies”. Formulou a teoria da evolução das espécies, anteviu os mecanismos genéticos e fundou a biologia moderna. É considerado o pai da “Teoria da Evolução das Espécies”. Fonte: https://www.ebiografia.com/charles_darwin.

⁶ Conceito aplicado ao meme por Richard Dawkins. Ver em sua obra “O Gene Egoísta” (2007, p. 253).

⁷ Segundo Richard Dawkins, nossos corpos são as máquinas genéticas onde os genes se transportam e se reproduzem, passando de pais para filhos e desse modo sobreviverem. Obra *O Gene Egoísta*, 2007.

artigo que recebam aceitação em alguma comunidade acadêmica, ou seja, em tudo que se restrinja à produção cultural. Existe uma maior possibilidade de os memes se tornarem imortais do que os genes, pois, à medida que os genes são passados de pais para os filhos, a coleção de genes vai diminuindo consideravelmente, enquanto que os memes, se alguém criar algo no campo cultural e isto vier a se tornar com características virulentas, as chances de se “imortalizar” serão maiores.

De tal maneira que o homem está buscando recentemente com mais afinco (desde sempre o homem fez isso) lutar contra a velhice e a doença para superar a morte e enfim alcançar a tão almejada *imortalidade*, como o historiador Yuval Noah Harari vem afirmar que, “[...] a principal empreitada da ciência moderna é derrotar a morte e garantir aos humanos a juventude eterna [...].” (2016: p. 33). Por vias de tornar o alcance a este objetivo mais possível, não seria mais fácil trabalhar para alcançar a tão sonhada imortalidade no campo das ideias?

Portanto, Richard Dawkins, (2007, p. 341), sugere que se quisermos buscar a imortalidade, que não seja pela reprodução natural, e sim contribuindo para o patrimônio cultural, pois esta contribuição pode sobreviver, mesmo que os nossos genes já estiverem desaparecidos. Os genes ainda não evoluíram de forma a tornar o homem imortal e torna-se mais provável que os seres humanos possam encontrar nos memes um meio de prolongarem a imortalidade no campo das ideias. Mas, o homem não satisfeito com isso continua em busca do bem mais precioso que é a vida, lutando contra a velhice e a morte para conseguir obter o grande objetivo tão sonhado pelos cientistas, a imortalidade, como afirma o historiador Yuval Noah Harari⁸, em sua obra, *Homo Deus*, (2015, p. 25).

O desenvolvimento vertiginoso de campos como a engenharia genética, a medicina regenerativa e a nanotecnologia estimulam profecias ainda mais otimistas. Alguns especialistas acreditam que os homens vão vencer a morte por volta de 2200 outros anunciam que isso acontecerá em 2100, Kurzweil e De Grey⁹ são ainda mais confiantes: eles sustentam que qualquer pessoa que tenha um corpo saudável e uma igualmente saudável conta bancária terá em 2050 uma chance séria de imortalidade, enganando a morte uma década por vez. (HARARI, 2015, p. 28).

Em se tratando da imortalidade no âmbito cultural e no campo das ideias, as próprias religiões e mitologias são exemplos de uma coleção de memes que se tornaram imortais, em especial a mitologia nórdica que agrupa uma série de deuses, porém os que mais conseguiram espaço fora da escrita e adentraram no universo cinematográfico foram os memes Thor, Odin e

⁸ É ph.D. em História pela Universidade de Oxford e professor na Universidade Hebraica de Jerusalém.

⁹ De Grey é gerontologista e Kurzweil foi nomeado diretor de engenharia do Google em 2012. (HARARI, 2015, p. 27)

Loki, deuses nórdicos que até o atual momento se mantêm imortais, propagados através de filmes, séries, histórias em quadrinhos e desenhos. Já demonstrado por Harari, a imortalidade no âmbito biológico e natural ainda é algo incerto, todavia a mesma pode ser conquistada com mais garantia através dos memes, como uma religião, uma ideia, uma teoria ou música, recebendo aceitação por um grupo de cérebros que possa dar atenção a essas criações.

Após usar o gene como analogia para efeitos de compreensão, pode-se discutir o que é um meme. Este é considerado um replicador e a seleção ocorre agora no campo das ideias. Do mesmo modo que os seres vivos mais aptos conseguem sobreviver evoluindo e tendo seus genes replicados, os memes, essas “unidades de cultura¹⁰”, se reproduzem a partir da transmissão cultural, usando os cérebros humanos como sua máquina de sobrevivência. Conforme Susan Blackmore¹¹, (2002), “[...] assim como o mundo biológico foi projetado pela competição entre os genes, o mundo cultural é projetado pela competição entre memes¹²”.

As ideias¹³ retiveram algumas das propriedades dos organismos. Assim como eles, as ideias tendem a perpetuar sua estrutura e a se reproduzir; elas também podem se fundir, se recombinar, segregar seu conteúdo; de fato, também elas podem evoluir e, nessa evolução, a seleção sem dúvida desempenha um papel importante. (MONOD apud GLEIK, 2013, p. 32).

O meme é uma unidade de transmissão cultural que se replica de cérebro em cérebro buscando sobreviver através de diversos fatores, adaptando-se para que seu processo de replicação obtenha sucesso. Segundo James Gleik¹⁴, (2013, p. 321), a cultura humana é o “caldo¹⁵” que faz originar ou proliferar os memes, o vetor de transmissão é a linguagem e o ambiente de reprodução é o cérebro. Eles podem ser ideias, letras de música, uma dança, uma frase como “o amor é lindo”, uma piada ou prática engraçada que se replique e ganhe permanência no cérebro das pessoas. Uma ideia que se reproduza e não ganhe permanência ou

¹⁰ Definição para o meme dada por Steven Pinker, 1998, p. 224.

¹¹ É formada em Psicologia e Fisiologia pela Universidade de Oxford, Mestrado em Psicologia Ambiental pela University of Surrey, P.hD em Parapsicologia pela mesma Universidade. Fonte: <https://www.susanblackmore.uk>.

¹² Artigo apresentado no Congresso internacional de Ontopsicologia e memética ocorrido em Milão, em Maio de 2002. Disponível em: <https://www.susanblackmore.uk/conferences/the-evolution-of-meme-machines-portuguese-translation>.

¹³ Ideias é o conjunto dos pensamentos e concepções de um indivíduo ou de um grupo social, em qualquer campo. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário escolar da Língua Portuguesa. 2º ed. Curitiba: Positivo, 2011.

¹⁴ Formado pela Universidade de Havard. Trabalhou por dez anos como editor e repórter do *The New York Times* e foi professor na Universidade de Princeton. Fonte: <https://around.com/about-james-gleick>.

¹⁵ O caldo faz referência a “sopa primordial” que constituiu os mares da Terra a quatro bilhões de anos atrás. À medida que o mar secava formaram-se poças de água nas margens onde se formaram e acumularam as moléculas e átomos que se replicaram e vieram a dar origem as primeiras formas de vida. (DAWKINS, 2007, p. 58)

continuidade desaparece. Ainda segundo James Gleik, (2013, p. 322), “[...] os memes são unidades complexas, distintas e memoráveis – unidades de permanência”.

Desde 1998 o termo entrou na língua inglesa e aparece no *Oxford English Dictionary* onde é assim definido: Meme (mi:m), *n. Biol.* (abreviação de *mimeme*... aquilo que é imitado, a imitação de GENE *n.*). “Um elemento de uma cultura que pode considerar-se transmitido por meios não genéticos, em particular através da imitação”. Isso quer dizer que tudo o que é copiado de uma pessoa a outra é meme. Tudo o que se possa ter aprendido copiando de alguém é um meme; cada palavra na língua, cada modo de dizer. Cada história que se tenha ouvido, cada canção que se conhece é um meme. O fato de dirigir para a direita ou para a esquerda, de beber *Chianti*, de pensar que os tomates secos ao sol não são bons, que se vista jeans ou camisetas para trabalhar são memes. O estilo da casa e da bicicleta, o desenho das ruas na cidade e a cor dos ônibus são todos memes. (BLACKMORE, 2002)¹⁶.

Apesar dos memes serem essas unidades que precisam ser imitadas, em alguns casos vão precisar se adaptar mediante necessidades. Ou seja, em determinado momento um meme pode sofrer mutação para conseguir se adaptar em um ambiente onde a sua composição original não contribuirá para a sua replicação e desse modo terá que se adequar para que ele consiga sobreviver, ganhar permanência no cérebro e se firmar como um parasita, um vírus que se contagia e se instala permanentemente.

As ideias evoluem por meio da mutação e da imitação¹⁷. Todavia, existem outros fatores que podem auxiliar no sucesso da reprodução das cópias dos replicadores: a longevidade, fecundidade e fidelidade¹⁸. Para Dawkins (2007, p. 333), a longevidade não é tão importante ao contrário da fecundidade que é altamente relevante e que “[...] os memes não são replicadores de alta fidelidade [...]”, (2007, p. 334).

Logo, em relação à fecundidade aliada à mutação e à imitação, se uma criança aprende com a sua mãe a rezar a oração cristã do Santo Anjo com o intuito de que estará “protegida do mal”, ela tão logo irá repetir a oração diariamente até permanecer em seu cérebro e por fim reproduzi-la para alguém do mesmo modo que sua mãe. Num primeiro momento a ideia fecunda, depois será imitada com prováveis mutações ou misturas, não precisando seguir a regra da fidelidade. No caso da oração do Santo Anjo, a originalidade precisa ser mantida, como em todo elemento que faz parte de uma religião, pois a originalidade neste caso tende a oferecer para o sujeito a oportunidade de acreditar em algo que possui veracidade, e assim tendo, na

¹⁶ Artigo apresentado no Congresso internacional de Ontopsicologia e memética ocorrido em Milão, em Maio de 2002. Disponível em: <https://www.susanblackmore.uk/conferences/the-evolution-of-meme-machines-portuguese-translation>

¹⁷ A imitação, num sentido amplo, é o processo pelo qual os memes *podem* se replicar.”(DAWKINS, 2007, p. 332)

¹⁸ Richard Dawkins na obra *Gene Egoísta* atribui essas três qualidades tanto para os genes quanto para os memes. Ao gene, p. 64 ao meme, p. 333.

oração do Santo Anjo, a ideia de se ganhar proteção para ter uma boa noite de sono ou de terminar o dia sem ter sido atingido por algum “mal”, automaticamente exigirá fidelidade da parte de quem ora. Logo, se a noite for ruim ou se durante o dia algo ruim acontecer, a culpa será da pessoa que não ora mais para o Anjo.

Alguns detalhes ou partes de uma frase, ideia ou música podem ser modificados para se adaptarem melhor ao momento em que forem usadas, mas a mensagem central, a originalidade no caso da religião, é mantida conforme Dawkins afirma: “[...] os detalhes podem flutuar de forma idiossincrática, mas a essência é transmitida imutada [...]”, (2007, p. 255) ¹⁹.

Esse processo pode se encaixar bem dentro da religião, como está sendo um grupo de memes que pertencem ao mesmo memplexo, ou seja, a “[...] um conjunto de memes que, embora não sejam necessariamente bons sobreviventes isoladamente, são bons sobreviventes na presença dos outros membros do memplexo.”, (DAWKINS, 2007, p. 262). Todavia um memplexo não existiria sem a cooperação conjunta entre os memes que o compõe, ou seja, um memplexo só é possível se existirem memes que cooperem entre si, se auxiliem para poderem se propagar.

De tal modo que pode acontecer de um meme cooperativo que pertence a um memplexo do qual ele sempre fez parte, como no caso de um meme cristão, consiga sobreviver em outro espaço que não lhe é típico habitar, como memes cristãos habitarem o memplexo da mitologia nórdica. Isso pode ocorrer pela lógica de que determinado meme cristão cooperativo possa ter encontrado outro cooperador similar no campo da mitologia nórdica que lhe proporcionou sobreviver neste novo espaço. Isto pode ser aplicado para analisar a interferência e introdução dos memes cristãos em alguns mitos nórdicos, mostrando que embora os memplexos sejam importantes vetores e propagadores de memes cooperativos, são algumas determinadas unidades meméticas que serão mais bem sucedidas em sair de um memplexo comum, como o cristianismo, para habitar outro atípico, diferente de seu grupo, como no caso da mitologia nórdica.

O cristianismo e a mitologia nórdica podem ser considerados dois memplexos diferentes, agrupando memes que se associam entre si e que sobrevivem melhor na presença uns dos outros. Porém, pode acontecer de que um meme que pertence ao memplexo cristão, consiga penetrar em outro espaço, em outro memplexo que não lhe é típico, como no caso de memes cristãos que se replicaram e sobreviveram na escrita dos mitos nórdicos. O cristianismo, além de ser considerado um memplexo, também pode ter sido o próprio meio de transmissão

¹⁹ Da obra *Deus, um Delírio*, (2007).

para que memes cristãos chegassem até os nórdicos. Esse é o principal objetivo deste trabalho, e será feita uma discussão acerca disso mais adiante para analisar esse processo a partir do olhar da memética.

A mitologia nórdica é composta de vários mitos como o Ragnarök. Considera-se que este mito tenha sido um dos que mais receberam influência cristã, ou pode se afirmar dentro de uma análise memética, um mito nórdico que favoreceu um espaço em que alguns memes cristãos pudessem se replicar, permanecerem e sobreviverem. Conforme cita Mircea Eliade²⁰, (2016, p. 53), “[...] os mitos de cataclismos cósmicos são extremamente difundidos [...]”. Existem alguns fatores que contribuem para que estes tipos de mitos sejam propagados e permaneçam ainda tão pertinentes, como por exemplo, o medo de ser condenado ao fogo do inferno, se alguém houver “cometido muitos pecados” após passar pelo julgamento onde cada um será julgado de acordo com seus atos, segundo afirma Eliade, (2016, p. 62), sobre o Apocalipse judaico-cristão.

“A ideia do fogo do inferno é pura e simplesmente *autoperpetuadora*, devido ao seu próprio e profundo impacto psicológico [...]” (DAWKINS, 2007, p. 338). Todavia, ainda segundo Eliade, a palavra mito pode suscitar a ideia de algo que é ilusório, místico, uma invenção ou ficção, porém os mitos possuem relação com a vida, com a conduta e as ações de toda uma sociedade ou civilização, sendo “[...] o mito uma realidade cultural extremamente complexa²¹ [...]”. Ele possui uma função na forma em como esses grupos vão se organizar, tanto de forma coletiva como individual, sendo assim, “[...] o mito – ou foi, até recentemente – ‘vivo’ no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por si mesmo, significação e valor à existência.”, (ELIADE, 2016, p. 8).

Explicitando um pouco melhor, o Ragnarök significa “o crepúsculo dos deuses”, é uma história/mito fim-mundana dos povos nórdicos. Escrita em prosa e poesia, possui alguns trechos cuja semelhança com trechos bíblicos chamou nossa atenção, algo que ocorre em mitos de origem são as recorrências de determinadas representações. A percepção da presença destes memes cristãos na mitologia nórdica atesta o fato de que a religião é um emaranhado de unidades de transmissões culturais perpassadas de cérebro a cérebro, por meio da linguagem oral ou escrita, de histórias passadas de pais para filhos. A partir do nosso cérebro nos tornamos os próprios meios de transmissão, selecionando quais destas unidades, ou memes, serão transmitidas adiante. No caso da religiosidade nórdica, que tipo de aproximação pode ter

²⁰ Estudou filosofia na Universidade de Bucareste, sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá.

²¹ ELIADE, Mircea, 2016, p. 11.

ocorrido entre os povos que carregavam as histórias em seus cérebros e que tipo de relação ocorreu entre eles, suficiente, para que haja trechos semelhantes em ambas as histórias?

Alguns escritores fazem um paralelo entre o Ragnarök e o Apocalipse bíblico, sincretizando Baldur com Cristo, Loki com o Diabo e a corneta do deus Heimdall com a trombeta do anjo. Mesmo que tenha recebido adaptações e retoques cristãos – na transcrição ou tradução (pelos monges) do texto original –, não se pode afirmar que o Ragnarök seja um plágio cristão [...]. (FAUR, 2011, p. 89)

O contato entre as duas mitologias pode ter ocorrido no momento da escrita pelos missionários cristãos, como observa Mirella Faur, (2011, p. 22), em que o acervo de mitos foi “[...] transcrito após a cristianização do país (Islândia) por monges e estudiosos [...]”, mas essa transmissão pode ter ocorrido antes da escrita, a partir do contato pessoal, da troca de experiências e práticas culturais, como ressalta Johnni Langer, em o *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*, (2015).

Documentos que agrupam a escrita de narrativas ficcionais tendem a representar, por vezes, a realidade do povo e da religião que se quer entender. São determinadas, a partir delas, o que se conhece, assim como os objetivos e interesses que se buscam a partir da produção de um determinado documento escrito. Segundo Dawkins:

Ficções permitem que cooperemos melhor. O preço que pagamos é que essa mesma ficção determina os objetivos de nossa cooperação. Assim, sistemas muito elaborados de cooperação podem estar sendo aproveitados para servir a interesses a objetivos ficcionais. (DAWKINS, 2016, p. 182)

Os documentos escritos²² dos mitos nórdicos são difundidos através de traduções feitas por estudiosos como Luis Lerate, (1986), em espanhol, Anthony Faulkes, (2007), Jesse Byock, (1982), Carolyne Larrington, (1996), em inglês, Régis Boyer, (1992), em francês²³. As versões originais e traduzidas desta história podem passar por influências dos tradutores e este processo pode fazer relação à competitividade que os replicadores enfrentam dentro do que vai prevalecer no escrito e do que vai ser excluído ou no que será criado e inserido. O número de memes acaba sendo maior que os espaços que podem ser ocupados, por isso, dentro do processo da escrita, a competitividade vai acabar estabelecendo quais os memes que terão sucesso ao ocupar esses lugares e os que não terão. Dawkins (2007, p. 337) traz essa ideia em sua obra, *O Gene Egoísta*, de que os genes (mas que pode ser usado no caso dos memes) funcionam de tal forma que parecem ter intenções em suas ações, mas, que isso é mais hipotético que verídico.

²² Como a Edda em Prosa e a Edda Poética, que será discutida mais adiante neste trabalho.

²³ LANGER, 2015, p.148.

Ao longo de todo este livro, enfatizei que não devemos pensar nos genes como agentes conscientes, dotados de propósitos. A seleção natural cega, entretanto, fará com que eles se comportem com se tivessem intenções, e tem sido conveniente, para abreviar, nos referirmos aos genes como se realmente tivessem intenções. (DAWKINS, 2007, p. 336)

Em nenhum dos casos devemos começar a alimentar idéias místicas a respeito. Em ambos a idéia de ação intencional é apenas uma metáfora, mas já vimos que, no tocante aos genes, a metáfora é proveitosa. Chegamos até mesmo a empregar palavras como “egoísta” e “implacável” para falar deles, sabendo perfeitamente que se trata apenas de figuras de linguagem. (DAWKINS, 2007, p. 336)

Conforme as citações do Dawkins acima, no caso dos memes, a intenção pode não ocorrer de modo consciente, mas analisando o objetivo da ação é como se ela existisse. Além disso, a competitividade, como já citado, acaba existindo, pois o espaço para ser ocupado não é ilimitado. Os trechos cristãos existentes nas traduções do Ragnarök são exemplos de memes que conseguiram um espaço no papel e na escrita, reproduzindo-se, perpetuando-se e sobrevivendo.

Portanto, o único lugar a ser “disputado” por vários memes acaba provocando uma ação competitiva entre eles: “Eles concorrem uns com os outros por recursos limitados: tempo de atividade cerebral ou largura de banda. Disputam principalmente a atenção [...]” (GLEIK, 2013, p. 321). E desse modo ocorrendo competitividade, de certo será que alguns memes obterão o sucesso almejado, ocupar o espaço, replicar-se e se instalar no cérebro de alguém e de tal maneira que outros memes “rivais” vão perder força, não conseguirão seu objetivo final, serão esquecidos, vão desaparecer. Isso é bem análogo à seleção natural, “[...] assim como nem todos os genes que podem se replicar, têm sucesso em fazê-lo, também alguns memes são mais bem sucedidos no *pool* de memes²⁴ do que outros.” (DAWKINS, 2007, p. 332-333).

Logo, os memes, essas unidades de transmissão cultural, parecem estar viajando em um espaço onde nós não conseguimos enxergar nem sentir, mas estão em todo momento querendo ocupar nossos cérebros, habitando-nos, dominando-nos por meio de ideias propagadas por alguns meios como as religiões. Dessa forma, os memes apenas não lutam para ocupar espaço em nossos neurônios (sendo bem literal), mas antes devem lutar por uma extensão, um meio que faça contato ou alcance a nossa atenção, cativando-nos, replicando-se e se instalando em nosso cérebro como parasitas.

Na obra, *Deus, um delírio*, (2007), Richard Dawkins vem novamente trabalhar a teoria dos memes, só que dentro da religião, que também é um objetivo deste trabalho. As mutações que ocorrem no campo da memética, onde é bem mais suscetível de ocorrer, acabam

²⁴ O pool de memes faz relação com o pool gênico, que é o conjunto completo de alelos que podem ser encontrados no material genético de indivíduos de uma determinada espécie ou população. (DAWKINS, 2007, p. 61)

colaborando para o processo de replicação dos memes, resultando em cópias inexatas. Isto não acontece de forma pejorativa, mas justamente o contrário, pois a mutação acontece para que o meme se adapte, caso seja necessário e assim consiga sobreviver. E isto está intimamente ligado com uma das qualidades que favorecem um replicador a se multiplicar, que é a fidelidade.

Isso conduz à terceira qualidade geral dos replicadores bem sucedidos: a fidelidade de cópia. Aqui, tenho que admitir que me encontro num terreno pouco firme. À primeira vista, os memes não são, de forma alguma, replicadores de alta fidelidade. Cada vez que um cientista ouve uma idéia e a transmite a outra pessoa, provavelmente a modifica em algum grau [...] Os memes foram transmitidos ao leitor sob uma forma modificada [...] A transmissão do meme parece estar sujeita à mutação e à mistura contínuas. (DAWKINS, 2007, p. 334)

Mas parece que com a mutação ou não, a eficiência da replicação implica no quão bem um replicador consegue se autocopiar contando com a ajuda de algumas qualidades, já mencionadas antes. Conforme Dawkins: “[...] os memes que prevalecem são aqueles que conseguem se copiar bem.”, (2007, p. 259). Logo, os que não se autocopiam também podem acabar substituídos ou desaparecem conforme a seleção natural. A sobrevivência vai depender disso.

Porém, outra ideia que o Dawkins traz em, *Deus, um delírio*, (2007), não é somente a ideia da competição, que também ocorre e faz parte do processo, pois os memes também se deparam com outros rivais ou alelos, mas também a da cooperação ou associação. Alguns memes precisam se associar com outros para que sobrevivam. Richard Dawkins usa o memplexo para falar de como alguns princípios religiosos se associam a outros para continuarem povoando os cérebros humanos.

2.1 Mitologia Nórdica: memplexo, inserções e seu processo de escrita

26. “*Com ira, él solo, Tor peleó*
- no se queda él sentado ante cosas así! - ;
Rompiéronse acuerdos, palabras y tratos,
*Los pactos solemnes que entre ellos tenían.*²⁵

26. Com ira, sozinho, Tor brigou
-ele não fica sentado diante de coisas assim!-;
romperam-se acordos, palavras e tratos,
os pactos solenes que entre eles havia.²⁶

²⁵ Trecho retirado da obra *Edda Mayor* (1986), tradução de Luis Lerate de Castro.

²⁶ Tradução de Gabriela Aline Silveira Pratti.

Nesta parte do trabalho, serão feitas análises e discussões acerca de partes das composições mitológicas da mitologia nórdica, em especial de algumas estrofes do mito Ragnarök, que estão contidos no poema Völuspá (a profecia da vidente²⁷), pois como já mencionado antes, este mito é considerado um dos que mais pode ter recebido influência cristã como resultado do trabalho dos memes. O poema Völuspá é geralmente datado do ano 1000, sendo de autoria islandesa, (LANGER, 2015, p. 392), e a partir dessas estrofes, pretende-se fazer uma análise memética de como alguns memes cristãos se inseriram no processo de escrita dos mitos nórdicos, não esquecendo também de que tanto o cristianismo como a mitologia nórdica podem ser considerados memeplexos que agrupam memes, que se associam e que sobrevivem melhor na presença uns dos outros.

Algumas questões se tornam pertinentes diante do estudo da mitologia nórdica. Quais seriam as questões pertinentes a serem analisadas em versões do mito, tendo em vista a suposta influência cristã que os manuscritos mais usados para estudo da mitologia nórdica, em geral, podem ter sofrido em seu processo de escrita? Por que algumas versões demonstram possuir mais influência do que outras? Os “memes nórdicos” perderam o lugar para seus rivais, “memes cristãos”, ou podemos considerar isso como uma invasão de espaço aliada pela competitividade entre os memes já mencionada?

Antes de discutir alguns trechos e partes do mito Ragnarök que possam conter semelhanças com trechos bíblicos, ou vice-versa, deve-se refletir primeiro de onde se está partindo. Qual/quais as versões analisadas, a qual época estará se reportando, quem as escreveu e como pode ter ocorrido este tipo de influência no processo de escrita da mitologia nórdica. Como também que tipo de história/mito é essa, quando e como se originou. Explicar o que é este mito nórdico, não é o objetivo deste trabalho, mas cabe uma breve apresentação deste para questões de uma melhor compreensão do que se pretende fazer.

Segundo uma definição da Mirella Faur²⁸, (2011, p. 409), o Ragnarök é a “[...] destruição cataclísmica do mundo, seguida pela regeneração e construção de um novo mundo.” Segundo Johnni Langer, este mito:

[...] se refere a uma série de acontecimentos que culminariam com a morte dos deuses nórdicos mais importantes e a destruição de parte do universo, após o que algumas

²⁷ É o primeiro poema anônimo do manuscrito Codex Regius e geralmente está inserido nesta ordem nas edições modernas. Contem 66 estrofes escritas no estilo fornyrdislág, cujo conteúdo se refere basicamente às visões de criação e destruição do mundo, por uma profetisa, ressuscitada pelo Deus Odin para esta finalidade. (LANGER, Jhonni, 2015, p. 391)

²⁸ Naturalizada brasileira é romena da Transilvânia com formação científica e esotérica. No Brasil e no exterior é conhecida como iniciadora e desbravadora na Senda do Sagrado Feminino.

deidades e humanos sobreviveriam em uma nova e renovada ordem cósmica”. (LANGER, 2015, p. 391)

A palavra *ragnarökr*²⁹ existe somente na poesia éddica³⁰, segundo Langer, não aparecendo em nenhuma outra fonte escrita da Era Viking, (793-1066 d. C). Assim como todos os povos, civilizações e comunidades, os germânicos e escandinavos também possuem uma história que explica como será o fim dos deuses e qual será o destino de parte do universo, já que na mitologia nórdica este universo é composto por nove mundos: Midgard, Asgard, Vanaheim, Jotunhein, Álfheim, Hel, Svártalfaheimr, Niflheim e Muspelheim, (LANGER, 2015, p. 343). A história sempre é cíclica para os nórdicos, com o fim de parte do universo seguida de uma regeneração, uma recomposição a partir do que sobreviveu do fim.

O enfoque principal, porém será sempre o processo cíclico de destruição e reconstrução, de morte e renascimento, assim como também a jornada da alma, que passa por etapas de finalização e recomposição, para assim alcançar novos patamares de evolução. (FAUR, 2011, p. 89)

O mito Ragnarök possui uma relação íntima com a Islândia, que foi cristianizada no ano 1000³¹, pois como a descrição do mito mostra, o fim dos deuses está vinculado a várias catástrofes naturais envolvendo gelo, fogo, tremores de terra, devastação, etc. Os mesmos elementos como o gelo e fogo que criaram o mundo, também foram agentes da destruição, segundo Mirella Faur, (2011, p. 90). Ainda de acordo com ela, a Islândia era uma ilha de grande instabilidade natural, a exemplo da erupção do Vulcão Skaptar Yökul, em 1783, que lembra eventos descritos no *Völuspá*: tremores de terra, a desaparecimento do sol debaixo de nuvens de fumaça e cinzas, as chamas derretendo as geleiras, que inundavam os campos, e as ondas do mar, subindo e cobrindo a terra.

Conforme citada abaixo, a estrofe 57 do *Völuspá* contido na Edda Poética e que foi traduzido desta obra original em islândes para o espanhol por Luis Lerate de Castro. Este autor fez a tradução da Edda Poética e ela está em seu livro *Edda Mayor*, (1986). Logo abaixo, a tradução da estrofe 57 do *Völuspá* para o português, feita por Gabriela Aline Silveira Pratti³²,

²⁹ (LANGER, 2015, p.391)

³⁰ Diz a Edda Poética, coleção de poemas escritos em nórdico antigo, considerada pelos especialistas como a maior fonte para o estudo da mitologia escandinava, também chamada de *Edda Antiga*, *Edda Mayor* ou *Edda de Saemund*. Segundo alguns pesquisadores, o termo Edda se refere diretamente à arte poética; a um local da Islândia, Oddi; ou, ainda, à transmissão do conhecimento antigo. (LANGER, 2015, p. 146)

³¹ Em uma assembleia ocorrida no ano 1000, foi decidida conversão formal para o cristianismo, após longos debates. Todas as decisões que cercavam a vida dos islandeses eram decididas em Assembleias. A conversão se deu de modo político. (OLIVEIRA, 2015, p. 113-114)

³² Mestranda em Línguas e Sociedade: Plurilinguismo e Interculturalidade pela Université de Strabourg (França) e Graduada em Línguas: Português-Espanhol pela mesma universidade. Também é graduada em Relações internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA.

que demonstra uma série de acontecimentos naturais que antecede o fim e que possui muita semelhança com um trecho do livro bíblico Mt. 24: 29: “[...] depois daqueles dias de sofrimento, o sol ficará escuro, e a lua não brilhará mais. As estrelas cairão do céu e os poderes do espaço serão abalados”.

*57. El sol se oscurece, se sumerge la tierra
saltan del cielo las claras estrellas;
furiosa humareda las llamas levantan,
alto, hasta el cielo, se eleva el ardor*

tradução:

57. O sol se escurece, a terra submerge,
pulam do céu as claras estrelas;
furiosa fumaça as chamas levantam,
alto, até o céu, se eleva o ardor.

Percebe-se que, assim, a Islândia está interligada com os acontecimentos naturais que vão inspirar as produções escritas da mitologia mais renomadas até então, que segundo Jhonni Langer, (2015), são a Edda em prosa, obra em nórdico antigo, escrita , em 1220, pelo poeta e historiador Snorri Sturluson, que é dividida em quatro partes, um prólogo: o Gylfaginning, Skáldskaparmál, o Háttatál e a Edda Poética, uma coleção de poemas escritos em nórdico antigo em que a primeira parte reúne poemas de caráter mitológico e a segunda com poemas de caráter heroico. Além disso, esses manuscritos irão surgir, segundo as datações, com a conversão islandesa e a escrita dos mesmos serão creditadas a monges ou missionários cristãos, pois como a Mirella Faur afirma que a escrita só chegou com os cristãos que passaram a habitar a Islândia: “A escrita chegou apenas com os padres e monges cristãos, a maior parte das fontes escritas devia-se aos estrangeiros.” (FAUR, 2011, p. 26).

Trata-se de uma coleção de poemas escritos em nórdico antigo, considerada pelos especialistas como a maior fonte para o estudo da mitologia escandinava, também chamada de *Edda Antiga*, *Edda Mayor* ou *Edda de Saemund* (termo em desuso). Segundo alguns pesquisadores, o termo Edda se refere diretamente à arte poética (ódr, influenciado pelo latim Edo, composição); a um local da Islândia, Oddi; ou, ainda, à transmissão do conhecimento antigo (Edda, bisavó). (LANGER, 2015, p. 146)

Alguns desses manuscritos citados possuem poucas modificações, já outros possuem com maior expressividade como o *Hauksbók*, manuscrito islandês que contém textos inéditos em relação a outros documentos, de autoria de Haukr Erlendsson, datado de 1302 e 1310 e contém uma versão do Voluspá, (LANGER, 2015, p. 233-234). Percebe-se pela data que este manuscrito foi escrito muito depois do cristianismo já ter se estabelecido na região escandinava, o que deve ter contribuído para que tenha se tornado num meio bem mais favorável para os

memes cristãos se propagarem por meio dele. Tendo em vista que nem sempre a originalidade dos textos é preservada, algumas histórias são disponibilizadas para outras línguas sem que haja essa preocupação. É preciso refletir sobre o que deve ter sido de fato o processo de cristianização dos povos escandinavos.

Os contatos e as trocas de cultura destes povos com outros de outras regiões da Europa não ocorreram de forma forçada ou imposta em um primeiro momento. Fazendo o recorte temporal histórico, desde 150 a. C. os germanos estavam em conflito com os romanos. E este acontecimento é advindo das migrações que os povos “bárbaros³³” estavam fazendo do norte para outras regiões da Europa.

Devido a todo esse movimento migratório se intensificando com a Era Viking que começa em 793 d. C., ocorrendo o ataque ao mosteiro de Lindisfarne, na Inglaterra, feita pelos escandinavos, (LANGER, 2015, p. 165), vai ocorrer um processo de troca cultural entre os diversos povos, em especial os cristãos, que eles encontraram durante as invasões e incursões feitas em busca de saques e terras para colonizar. Vale ressaltar que os escandinavos não vão tomar conhecimento apenas do cristianismo e de suas determinadas práticas, mas também de outros povos com religiões monoteístas e politeístas, o que atestam vários estudos feitos por pesquisadores comprovando a influência de outras religiões nos manuscritos nórdicos.

O século XX assistiu ao florescer de várias pesquisas que apontaram influências tanto do cristianismo quanto do classicismo no momento da transposição escrita em latim e islandês antigo, ocorrida posteriormente a 1050 d.C.: Rolf Pipping identificou elementos das cartas de Sêneca na estrofe 21 do *Hávamál*; Nore Hagman e Klaus von See compararam a mesma fonte com o Eclesiástico e os *Disticha Catonis*; Singer encontrou similaridades da *Grettis saga* com o livro *Rota Fortunae*, entre diversos outros estudos (...) a *Egill saga* e sua ligação com o Velho e o Novo Testamento. (LANGER, 2015, p. 114-115)

Segundo Ruben Pimentel³⁴, os manuscritos fonte, Edda em prosa e Edda poética, datam do século XIII e XIV, mas a sua composição é datada do século X, um período que é anterior à era da cristianização³⁵. A *Völuspá* (a profecia da vidente), já citada neste trabalho anteriormente, é encontrada em todos os dois manuscritos, assim como no *Hauksbók*. E por ser um dos mais importantes poemas da mitologia referida conseqüentemente deve ter sofrido com as influências cristãs.

³³ Termo usado para designar os povos que invadiram a Europa entre os séculos IV e V e que habitavam a região da Germânia, situada ao norte da Europa.

³⁴ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³⁵ Artigo de Rubem Pimentel apresentado no I Simpósio Internacional e II Nacional de Estudos Celtas e Germânicos, realizado em Florianópolis – SC, dos dias 25 a 28 de julho de 2006.

[...] O primeiro manuscrito (Codex Regius)³⁶ é, em nosso ver, o mais completo, pois nele o poema aparece com um maior número de estrofes e versos, o que por outro lado pode significar uma maior interferência do compilador cristão. Em segundo lugar a obra de Snorri (Edda em prosa), apesar de o poema (Völuspá) não constar de forma completa nesta obra, isso devido ao fato do autor ter tido acesso ao poema através de uma outra fonte, e não àquela dos manuscritos referidos, que são de compilação um pouco posterior ou contemporânea a sua obra, o que nos leva a conjecturar que sua fonte talvez esteja redigida com menos influências cristãs. Em terceiro lugar, o manuscrito Hauksbók, o mais recente dos três, compilado no século XIV, pode ser o que tem a maior influência cristã no momento de ser redigido, é nele [...], que atesta a vinda de Cristo, pois nesse momento do poema, o deus principal do panteão germânico, Óðinn, já havia sido morto nas mandíbulas do lobo-monstro Fenrir, assim como outros dos principais deuses. (PIMENTEL, 2006)

Essa citação do Pimentel trás informações sucintas dos três manuscritos. Embora este último manuscrito da citação possa ter recebido maior influência cristã, a Edda em prosa, por exemplo, não foge tanto da regra. Para efeitos de análise, mas não menos importante que captar esse tipo de contribuição em uma obra, é analisar quem as escreveu. No caso da última obra, o escritor foi Snorri Sturluson (que viveu entre os anos 1179-1241), foi um político, historiador, escritor e poeta islandês que sistematizou um compêndio na Edda em prosa no ano 1220³⁷.

Segundo Faur, (2011), Sturluson era envolvido com movimentos políticos, provavelmente ocasionando em seu assassinato em 1241, era cristão, e esta sua condição pode ter influenciado na escrita da Edda em Prosa. “Um cristão fascinado pelo paganismo³⁸”, ainda segundo Faur, ele pensava que após o dilúvio os homens e mulheres sobreviventes se esqueceram do seu Deus criador e passaram a acreditar que as maravilhas do mundo foram criadas por forças sobrenaturais. Sturluson não era um monge ou padre, mas era um adepto cristão. A partir disso podem ser encontrados alguns trechos no Völuspá que são muito semelhantes a algumas passagens bíblicas, possivelmente resultado de uma influência cristã como a pequena estrofe 65 da Völuspá, que Luis Lerate afirma não aparecer na versão do Codex Regius, contendo, claramente, influência cristã:

65. *Entonces de arriba viene a juzgar
El fuerte y glorioso, quien todo lo rige.*

Tradução:
Então de cima vem julgar
o forte e glorioso, quem tudo rege.

³⁶ O manuscrito que contém a Edda poética.

³⁷ FAUR, Mirella, 2011, p. 27

³⁸ *ibidem*

Essa estrofe faz alusão ao que é propagado pelo cristianismo sobre o Apocalipse cristão ao momento do julgamento, onde o glorioso, no caso Jesus, desce do céu para julgar as pessoas de acordo com suas ações, conforme Mt.16: 27³⁹: “Pois o Filho do Homem virá na glória de seu Pai com os seus anjos e então recompensará cada um de acordo com o que fez”. Especificamente se tratando de uma história de fim de mundo, alguns memes podem ajudar outros a se replicarem. A ideia do Deus que promete salvação após a morte para aqueles que tiverem feito boas obras está estritamente associada com a ideia da condenação ao inferno.

O fim do mundo traz consigo estes dois elementos associados ao medo do fim. Mitos, histórias, contos e narrações sobre histórias do fim de mundo sempre estiveram presentes na humanidade. Algumas histórias são bem parecidas com outras, já algumas nem tanto. No *Völuspá*, um dos principais poemas que explica a criação do mundo e o seu fim, encontram-se alguns trechos que são semelhantes com trechos presentes no livro do Apocalipse e em outros livros da Bíblia Cristã, conforme a estrofe 45 do *Völuspá* da Edda poética:

*45. Surgirán entre Hermanos luchas e muertes,
ceranos parientes discordias tendrán;
um tiempo de horrores, de mucho adultério,
de hachas, de espadas – escudos se rajan - ,
de ventos, de lobos anuncio será
del derrumbe del mundo; todos se matan⁴⁰*

Tradução:

45. Surgirão entre irmãos lutas e mortes,
parentes próximos discórdias terão;
um tempo de horrores, de muito adultério,
de machados, de espadas -escudos racham-,
de ventos, de lobos a anunciação será
do colapso do mundo; todos se matam.⁴¹

Analisando as primeiras linhas de parte do poema acima, percebe-se uma semelhança com este trecho da Bíblia retirado do livro de Mc.13: 12: "Muitos entregarão os seus próprios irmãos para serem mortos, e os pais entregarão os filhos. E os filhos ficarão contra os pais e os matarão." Aqui está outro trecho da Bíblia semelhante com o *Völuspá* retirado do livro Ec. 3:2-3: “[...] Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de construir [...]”.

A Bíblia começou a ser escrita por volta do século XV⁴² a. C., porém alguns escritos que compõem o Antigo Testamento remontam desde séculos antes. Bem, existiram povos bem

³⁹ Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

⁴⁰ Tradução em espanhol de Luis Lerate de Castro, obra Edda Mayor (1986)

⁴¹ Tradução de Gabriella Pratti

⁴² Nabeto *apud* Marutti

mais antigos que os cristãos ou judeus que já possuíam suas respectivas histórias, mesmo que transmitida de forma oral, não se descarta a possibilidade de influência e contato dos povos judaicos ou hebraicos com outras civilizações e com outras que foram conterrâneas do mesmo tempo. Provavelmente, isso pode ter acontecido com os povos nórdicos quando saíram da Escandinávia em busca de terras onde acabaram chegando na Europa e América, possibilitando o contato com outros povos, especialmente os cristãos.

O espaço temporal é bastante longo, uma vez que as anotações do Antigo Testamento e do Torá fazem referências aos hebreus dezoito séculos antes da era cristã e o Novo Testamento descreve o período cristão até o final do século I. (MARUTTI, 2008)⁴³

2.2 Conversão nórdica e cristianismo: análises e discussões a partir do meme

“[...] a mais brilhante técnica de propaganda não vai ter sucesso a menos que se leve sempre em conta um princípio fundamental – ela tem de se limitar a alguns pontos e repeti-los sem parar.” (HITLER *apud* HARARI, 2018, p. 294).

Há muitos estudiosos que relatam sobre o processo de conversão dos escandinavos, de que houve violência, que ocorreu de maneira abrupta, que os nórdicos levaram anos de luta para tentar preservar as práticas consideradas pré-cristãs e há estudiosos que alegam que este processo não se deu de forma tão violenta e de que a cristianização levou anos para acontecer, como é o caso do coordenador do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, Jhonni Langer⁴⁴.

“É praticamente consenso na historiografia contemporânea que a conversão da Escandinávia não foi um processo abrupto e repentino [...] durou anos para ocorrer e dificilmente se pode apontar uma data de início ou fim”, afirma em o *Dicionário de Mitologia Nórdica*, (2015), organizado por ele. Os nórdicos não conheciam apenas o cristianismo, tendo em vista as trocas comerciais constantes realizadas com outras civilizações e é relevante afirmar que a influência no processo de escrita dos manuscritos da mitologia nórdica não se deu apenas por essa religião, mas por outras também.

⁴³ Artigo de Mauri Daniel Marutti, formado em ciências biológicas, publicado em 21 de fevereiro de 2008. Disponível em: www.webartigos.com/artigos/a-biblia-como-fonte-historiografica/4369

⁴⁴ Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná, mestrado e doutorado em História pela mesma universidade. Pós-doutorado em História Medieval pela USP. <http://ufpb.academia.edu/JhonniLanger>.

Algumas regiões da Escandinávia, como a Dinamarca, receberam visitas de missionários cristãos, pois possuía um maior contato com o Sacro Império e a conversão realizou-se primeiro aos reis, pois convertendo primeiro estes, tornaria mais fácil converter os súditos, (OLIVEIRA, 2015, p. 112)⁴⁵. Segundo André Oliveira⁴⁶, na Noruega, a tentativa de cristianização acaba levando a desavenças políticas, ocasionando em descentralização e subordinação dinamarquesa, (2015, p. 112-113). A cristianização na Islândia, já mencionada, ocorreu de maneira decisória e política, mas não sem a influência dos bispos locais que possivelmente tenham vindo quando os noruegueses fugiram para a ilha islandesa em virtude da tirania do rei Haroldo Cabelos Vermelhos. Segundo Palamin⁴⁷:

Ao ano 1000 d. C., com as nações escandinavas já cristãs, a Islândia se via sob a pressão da conversão dos líderes cristãos. Peter Brown aponta que, devido à falta de chefes e a distância que separavam os povoados da Islândia, “a lei era a única coisa que tinham em comum. A divisão entre pagãos e cristãos destruiria necessariamente o pouco consenso que existia nestas sociedades frágeis.” Desse modo, nesse mesmo ano, foi realizada a reunião da assembleia geral islandesa, onde, apesar das declarações de pagãos e cristãos de que não viveriam sob as mesmas leis, fora decidido que a fé cristã seria adotada na Islândia, entretanto, com algumas condições. (PALAMIN, 2011 p. 2-3)

Pode-se perceber, neste momento da conversão islandesa, uma supremacia do cristianismo acima da “religião pagã”. A ocupação do memplexo nórdico por memes cristãos ocorreu mediante alguns fatores, como a disseminação pela tradição oral das ideias cristãs, a partir das vivências da comunidade cristã que convivia no mesmo espaço com nórdicos. Até que aconteceu a imposição de um mito sobre outro. Segundo Yuval Noah Harari⁴⁸, em sua obra, *21 lições para o século 21*, (2018), os seres humanos conseguem promover mitos ou narrativas ficcionais e assim mobilizar grupos, comunidades ou até nações para acreditar no que geralmente não é dotado de muitas verdades:

Realmente, o *Homo Sapiens* conquistou este planeta graças, acima de tudo, à capacidade exclusiva dos humanos de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos capazes de cooperar com vários estranhos porque somente nós somos capazes de inventar narrativas ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas. (HARARI, 2018, p. 290)

⁴⁵ Retirado do *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos* (2015) de Johnni Langer (organizador)

⁴⁶ Mestre em História pela UFMA.

⁴⁷ Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá.

⁴⁸ Ph.D. em História pela Universidade de Oxford, é atualmente professor na Universidade Hebraica de Jerusalém. Autor do livro *Sapiens: Uma breve história da humanidade* e *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*.

Narrativas ficcionais se utilizam de um mesmo método de propagação dos memes: a repetição. Isso “[...] envolve recontar a mesma narrativa ficcional várias vezes, até as pessoas ficarem convencidas de sua veracidade.” (HARARI, 2018, p. 295). Variadas ideias ficcionais podem ser agrupadas e compor narrativas a fim de alcançarem determinados objetivos ao unir grupos de pessoas que compartilhem dessas ideias. Portanto, algumas narrativas ficcionais que conseguirem mover grupos, sociedades ou até nações a acreditarem nelas, pode-se chegar à conclusão que estas narrativas podem ser consideradas como memeplexos propagadores de histórias e mitos a fim de promover a cooperação entre multidões através da repetição.

Os mitos, que compõem a miríade da mitologia nórdica e o cristianismo, podem ser considerados narrativas ficcionais, que por sua vez podem ser considerados memeplexos agrupando memes que estão em todo momento sobrevivendo através da repetição, e dessa forma “[...] ao unir pessoas, credos religiosos possibilitam a cooperação em grande escala.” (HARARI, 2018, p. 291).

“O *Homo Sapiens* é um animal contador de histórias, que pensa em narrativas e não em números ou gráficos, e acredita que o próprio universo funciona como uma narrativa, repleta de heróis e vilões, conflitos e soluções, clímaxes e finais felizes.” (HARARI, 2018, p. 331).

A partir de narrativas ficcionais, como já dito, grupos de pessoas ou até nações podem cooperar entre si, unidas por algo em comum, como o sentimento patriótico, a busca pela salvação após a morte, o perdão dos pecados, a fertilidade da terra dada por algum deus. Conforme Harari, (2018, p. 291), “[...] ao unir pessoas, credos religiosos possibilitam a cooperação em grande escala [...]”, possibilitando a partir dessas cooperações que as pessoas lutem para preservar o mito que as une. Como já evidenciado, os nórdicos possuíam uma forma de se organizar social e individualmente baseada em práticas e rituais ligadas a religião, eram politeístas e cada manifestação da natureza possuía um significado sobrenatural, como uma manifestação dos deuses. A partir disso, tem-se um grupo, os nórdicos, unido entre si por complexas práticas religiosas que lhes davam respostas para tudo que ocorria ao seu redor.

A Mitologia nórdica foi assim descrita por Jhonni Langer, (2015, p. 309), como um “[...] conjunto de narrativas acerca de divindades e seres sobrenaturais, de base oral e pertencente à religiosidade pré-cristã na Escandinávia [...]”. Essas narrativas foram compostas em sua maioria através da tradição oral, como já mencionada, além de terem sofrido variações ao longo do tempo. Cada mito ou narrativa ficcional-mitológica podem ser considerados um memeplexo, agrupando memes, como o Ragnarök, que se associam com outras narrativas compondo o conjunto de narrativas nórdicas.

Do mesmo modo, os cristãos também são um grupo movido por dogmas religiosos cristãos que lhes faziam acreditar que a sua religião era suprema a todas as outras. Monoteístas, o deus cristão era considerado o único verdadeiro e, por isso, todos os outros, assim como as outras religiões, deviam sucumbir. Isso provocou movimentos violentos por parte da Igreja Católica, como as Cruzadas, a Inquisição, a perseguição aos considerados hereges, a imposição por meio da evangelização e conversão forçada a outros povos. Segundo Harari:

O que o monoteísmo sem dúvida fez foi deixar as pessoas muito mais intolerantes do que eram, contribuindo assim para a disseminação das perseguições religiosas e guerras santas. Politeístas acham aceitável que povos diferentes cultuem deuses diferentes e realizem ritos e rituais diversos [...] Os monoteístas, em contraste, acreditam que seu Deus é o único deus, e que Ele exigiu obediência universal. (HARARI, 2018, p. 240)

Esses caminhos utilizados pelo cristianismo para impor, por meio da força, esta religião a outros povos, proporcionaram um caminho ainda mais favorável para alguns memes, próprios deste memplexo cristão, se replicarem em outro memplexo do qual ele não fazia parte. Embora a conversão islandesa possa ter se dado por meio decisório sem conflitos físicos, o conflito e a imposição se deram no campo ideológico, conforme afirma Langer, (2015, p. 114), “[...] apesar de não terem ocorrido formas de violência física, houve uma violência simbólica e representativa”.

A partir disso, pode-se fazer uma reflexão a cerca de que cada grupo social possui uma forma de ser representado e, no caso da religião, especialmente em se tratando do cristianismo, os elementos representativos desta religião são impostos a outro grupo social que já possui um modo de representar suas práticas religiosas. Portanto, há um processo de conflito entre os dois grupos que vai provocar o sincretismo religioso, além da imposição que marca a história da luta entre classes. Segundo Roger Chartier⁴⁹, (1989), essa relação de força vai definir se a representação imposta determinará a aceitação ou a resistência, como no caso da conversão islandesa, em que a violência foi no campo das ideias, foi simbólica e representativa.

Cada grupo busca construir sua identidade e sua maneira de ser no mundo e todas as práticas, especialmente as religiosas, determinarão o tipo de representatividade que identificará a singularidade de cada um. Ainda conforme Chartier, (1989), este é um tipo de relação com o mundo social, “[...] as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição”.

⁴⁹ É historiador e diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales

Segundo Sandra Pesavento⁵⁰, (2003, p. 39), as representações são “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais” e são dotadas de semelhanças com o real que tentam representar. Todavia, o representante não é o representado, e no caso dos mitos nórdicos, isso se torna mais pertinente, tendo em vista que são uma construção e representação daquilo em que creem, dos significados de suas práticas sociais e ritualísticas, dos deuses que personificam seus desejos, determinando toda a forma em que viviam e se organizavam. Conforme Pesavento, (2003, p. 39) os “[...] indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”.

Portanto, tendo em vista que os mitos são a representação de uma realidade ou mais próxima possível, essa é uma construção ideológica que será construída por elementos que melhor representem o que se pretende. Aqui já acontecerá o processo de competição, processo esse aplicável na dinâmica da sobrevivência dos memes, de qual ideia, imagem, conceito ou pensamento será escolhido para ser posto para compor a representação mais fiel possível. No poema *Völuspá*, onde ocorre um monólogo onde uma profetisa é indagada por Odin, sobre a origem dos mundos nórdicos e sua destruição, está inserido o Ragnarök, (LANGER, 2015, p. 555), compondo parte das narrativas mitológicas escandinavas e este pode ser considerado uma representação textual que pode vir a se tornar um meme.

Existem estudos relevantes que vêm sendo feitos nas últimas décadas, analisando que ao invés de olhar para o cristianismo como o elemento ativo de onde a religiosidade pré-cristã nórdica recebeu toda a influência e produziu materiais escritos considerados como um produto da imposição do cristianismo, esse processo passou a ser visto a partir do viés pagão, considerado por Langer, (2015), que as semelhanças existentes entre os mitos nórdicos e cristãos são resultantes do fato dos nórdicos terem feito uma releitura dos mitos cristãos a partir da tradição oral. Ainda antes do ano 1000 d. C., antes da Islândia ser convertida, bispos e missionários locais já habitavam a região, proporcionando trocas culturais e religiosas de forma oral, fazendo com que ao longo do tempo muitos elementos passassem por um sincretismo, resultando em elementos e histórias míticas que possuem mesclas de ambas as religiões.

[...] Deste modo, os elementos cristãos nos manuscritos não seriam devidos à religiosidade dos escritores a partir do século XII, mas sim um conteúdo original do período oral – já em transição – que foi preservado pela escrita. Neste enfoque, temos [...], até as similitudes da recriação do mundo na *Völuspá* e no Novo Testamento, sendo uma releitura dos mitos cristãos pelo referencial pagão, e não uma prova do avanço da nova religião. (LANGER, 2015, p. 115)

⁵⁰ Mestre em História pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo.

Além disso, as práticas religiosas eram concebidas pelos nórdicos de forma mais complexa e que envolviam todos os aspectos da vida, da natureza e da comunidade, abarcando cultos e rituais. Portanto, a conversão na Escandinávia não se deu de modo tão imposto quanto se fala. O processo de conversão implicava mudança de costumes, abandonando os antigos para adquirir uma nova tradição que aumentava sua presença no mundo, relacionando-se por meio de comércio, viagens ou saques, segundo André Oliveira, (2015, p.111) ⁵¹.

A cristianização, a partir de trocas culturais, disseminou vários elementos, pensamentos, imagens, histórias, personagens e práticas na religiosidade pré-cristã nórdica. Por que será que em meio a esse conjunto de informações apenas algumas conseguiram ser incorporadas no processo de escrita dos manuscritos nórdicos e outras não? Conforme Yuval Noah Harari, em sua obra, *Homo Deus*, (2016), antes da escrita dos mitos e narrativas ficcionais as pessoas armazenavam as histórias em seus cérebros, repassando-as a partir da oralidade. Porém com a invenção da escrita as histórias passaram a ser registradas e a ganhar um corpo escrito maior. Afinal, o papel torna-se mais favorável a registrar uma história maior, ao contrário do cérebro humano que possui um espaço mais limitado.

Antes da invenção da escrita, as histórias estavam confinadas aos limites da capacidade do cérebro humano. Não era possível inventar histórias excessivamente complicadas das quais as pessoas não conseguiam se lembrar. A escrita, porém, subitamente possibilitou a criação de histórias longas e intrincadas, que eram armazenadas em tabuletas e em papiros, e não em cabeças humanas. (HARARI, 2016, p. 167-168)

Percebe-se que o cristianismo, por meio da escrita, pode ser classificado como um *pool de memes*, um conjunto de memes cristãos, e como um meio para que os próprios possam penetrar em outras histórias que não precisam fazer parte do universo cristão. Em “*Desvendando o arco íris*”, Richard Dawkins, (2000), explicita que um *pool de memes* torna-se num cartel que agrupa ou reúne memes que sobrevivem melhor na presença uns dos outros.

“[...] um grupo de mentes – uma “cultura”, uma “tradição” – tornasse um cartel cooperativo de memes, um memplexo, como tem sido chamado [...] o modo correto de considerar a questão é em termos de memes que se ajudam mutuamente, cada um providenciando um ambiente que favorece os outros. (DAWKINS, 2000, p. 257)

Pela busca da sobrevivência não existem limites, podendo até acontecer como no caso de um tipo de meme, pertencente a um campo de dominação típico, ter que ultrapassá-lo e

⁵¹ Do *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos* (2015) de organização de Johnni Langer.

sobreviver em outro campo que não é típico de sua dominação, como o caso da cruz, símbolo reconhecidamente cristão na tradição ocidental, ter se mesclado com deuses da mitologia nórdica, e aqui o meme se utilizou claramente da mutação para conseguir sobreviver.

Diante dos meios já explicitados, são percebidos que os memes se utilizam deles para *habitem* os cérebros humanos, ganhar atenção, permanência e finalmente, sobreviver. É como se todos os meios utilizados por eles fossem extensões até alcançar os cérebros humanos. Memes cristãos, no caso da conversão nórdica, se utilizaram da tradição oral praticada na transmissão de histórias nórdicas para alcançar o processo de escrita dos mitos e assim sobreviverem, mesclado e adaptado a elementos de uma nova religiosidade não antes habitada. No caso do Ragnarök, não se vê representação deste mito em nenhuma produção iconográfica antes de sua presença nos poemas éddicos, o que indica que ele pode ter sido um mito criado apenas com a introdução do cristianismo na Islândia. Assim esclarece Johnni Langer:

A mitologia escandinava possui muitas representações visuais, especialmente as produzidas na área sueca durante os séculos VIII e IX⁵². Mas não existem imagens originalmente pagãs produzidas na Era Viking sobre o Ragnarök. [...] em nenhum momento ocorreram representações visuais do fim do mundo nórdico. Isso nos leva a duas perspectivas neste momento: ou realmente o Ragnarök não fazia parte da cosmologia escandinava pré-cristã [...] ou ocupava um espaço não muito importante [...] sobrevivendo apenas em algumas narrativas orais que foram depois definitivamente compostas, reelaboradas e preservadas já em um contexto cristão. (LANGER, 2015, p. 394)

Estão sendo feitos estudos intensos sobre a arqueologia nórdica, para que se possa obter um conhecimento mais aprofundado sobre a criação deste mito, que apesar de conter influência cristã, resultado da ação dos memes, ele contém muitos elementos que indicam a essência de representações consideradas puramente nórdicas. Citando mais uma vez a estrofe 65 da *Völuspá*, pode ser percebida influência cristã:

65. *Entonces de arriba viene a juzgar
El fuerte y glorioso, quien todo lo rige.*⁵³

Tradução:
Então de cima vem julgar
o forte e glorioso, quem tudo rege.⁵⁴

⁵² Ou seja, depois do início do cristianismo na Escandinávia.

⁵³ Estrofe retirada da obra *Edda Mayor* de Luis Lerate de Castro (1986)

⁵⁴ Tradução de Gabriela Pratti.

Luis Lerate afirma, em sua obra, *Edda Mayor*, (1986, p. 36), que esta estrofe não corresponde ao Codex Regius⁵⁵, tendo sido acrescentada posteriormente, possuindo um sentido cristão muito claro. Percebe-se que a disputa empreendida pelos memes no espaço escrito é feita de forma bastante competitiva, pois é um espaço que oferece permanência e assim uma maior garantia de sobrevivência, não importando o quanto haja de adaptações, nem se o campo de atuação é o típico antes habitado. Claro que, quando se fala em meios ou extensões que os memes usam, não queremos dizer que estes não são os espaços que eles pretendem ocupar de fato, mas o cérebro humano.

A manipulação de toda a informação é feita e produzida pelo homem, portanto, mesmo que os memes possam ocupar espaços entre as linhas de um livro, de um jornal ou revista, terão que usar outros meios além desses para conquistar a atenção de alguns cérebros, para que o meio usado pelo meme seja utilizado com muita frequência. Nem todos os livros, histórias, revistas ou jornais possuem o mesmo prestígio ou intensidade de acesso igual. Isso pode trazer a reflexão de que determinados meios também são competidos pelos memes.

O cristianismo, assim como todas as religiões, é um meio ou extensão que abarca e engloba memes individuais e memeplexos que trabalham em cooperação, pois alguns memes precisam do auxílio de outros para poderem sobreviver, como já mencionado. James Gleik afirma que, pessoas morrem por ideias, algumas são benéficas e outras não. No caso da conversão, diversos elementos e práticas são omitidos, extintos ou mesclados para que os preceitos convenientes da nova religião possam prevalecer. E as informações que são perdidas nesse processo correm o risco de não serem mais recuperadas.

Os memes nórdicos estão tentando sair de suas grades, de suas prisões para voltarem a compor o seu lugar na medida em que se explicita de que o seu lugar no *pool de memes* nórdico foi ocupado por outros memes de outros *pools de memes*. Determinados cérebros estão dispostos e determinados a resgatá-los. Agora o movimento é contrário, a máquina de sobrevivência (o cérebro) corre atrás de seu hospedeiro.

A mente, além de ser considerada um lugar de ocupação dos memes, pode ser, ela própria, construída por eles. Segundo Daniel Dennett, a mente é como uma estufa fervilhante de memes e de que “[...] a própria consciência humana é um imenso complexo de memes [...]”, (DENNETT *apud* DAWKINS, 2000, p. 256).

⁵⁵ Existem dois Codex, um da *Edda em Prosa* e outro da *Edda Poética*. O do Primeiro foi redigido no século XIV, é o mais completo das versões da *Edda* de Snorri e considerado o mais próximo da versão original. O do segundo foi escrito em 1270 em papel velino. Foi presenteado para o rei Frederico III da Dinamarca e permaneceu na Biblioteca real deste país até 1971, quando foi transferido para a Islândia. (LANGER, 2015, p 99)

O porto que todos os memes precisam atingir é a mente humana, mas a própria mente humana é um artefato criado quando os memes reestruturaram um cérebro humano para torná-lo um melhor habitat para os memes. As avenidas de entrada e saída são modificadas para se adaptarem às condições locais, e reforçadas por vários dispositivos artificiais que intensificam a fidelidade e a prolixidade da replicação: as mentes chinesas nativas diferem dramaticamente das mentes analfabetas. O que os memes dão em troca aos organismos em que residem é um estoque incalculável de vantagens – com alguns cavalos de Tróia no meio para contrabalançar [...]. Mas se é verdade que as mentes humanas são elas próprias, em grande medida, as criações de memes, então não podemos sustentar a polaridade de visão que consideramos antes: não pode ser “os memes *versus* nós”, porque infestações anteriores de memes já desempenharam um papel principal determinando quem ou o que somos nós. (DENNETT *apud* DAWKINS, 2000, p. 256-257).

Considerando que, se somos determinados pelos memes que nos habitam e nos compõem, aquilo quem somos, tudo o que nos cerca e fundamenta todos os nossos princípios ou preceitos são também um trabalho dos memes. Pois, partindo da discussão da primeira parte deste trabalho, se algum meme chegou até nós e hoje faz parte da grande miríade de ideias de nossa mente, então este foi um meme que sobreviveu em meio ao processo da replicação, competindo com outros memes no meio do caminho e possivelmente se adaptando. A religião é um importante memplexo que contribui à composição daquilo que somos ou viermos a ser. Memplexos, narrativas ficcionais e representações são um tripé contributivo constituído por memes individuais e que aplicados na religião fortificam a propagação da mesma em qualquer sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda existe um longo caminho a ser percorrido dentro das análises meméticas e da inserção de elementos cristãos na mitologia nórdica. Em determinados momentos deste trabalho, percebeu-se que esse processo parece demonstrar uma predominância ou uma superioridade do cristianismo sobre a mitologia nórdica. A intenção deste trabalho não é validar isto, mas mostrar como o campo religioso é permeado e formado por memes e memeplexos que sobreviveram a partir da imitação e replicação.

Apesar de algumas partes dos mitos nórdicos conterem elementos que possuem muitas semelhanças com elementos cristãos, não significa que o conjunto das narrativas ficcionais nórdicas seja um produto cristão, ou que as produções escritas destas se deram somente quando os cristãos chegaram na Escandinávia. Vale ressaltar que partes dos mitos já eram contadas via oral entre os povos nórdicos antes de haver a produção escrita destes e antes dos povos cristãos chegarem, conforme também afirma Jhonni Langer (2016).

Portanto, as análises da construção escrita dos mitos pelo viés do meme visa ressaltar como os memes permeiam todo o âmbito de nossa vida e de nossa mente, em especial no caso das práticas religiosas, que norteiam a organização de uma sociedade inteira. As narrativas ficcionais, como podem ser considerados os mitos, são composições meméticas, que podem ser memeplexos compostos por memes que sobreviveram através dos meios de transmissão que fizeram uso, os quais podem ser a forma escrita ou oral.

Analisar o campo religioso, a partir da propagação memética, ainda precisa de estudos mais aprofundados, para que se possa compreender melhor como a propagação de alguns elementos conseguem ser impregnados tão bem em mentes humanas e ainda compreender esses elementos como memes que estão se replicando. Essa nova forma de análise pode proporcionar novos meios e formas de como compreender a área da História por um novo olhar, bem como a transmissão de princípios, teorias, frases e mitos que se deram ao longo do tempo e que conseguiram sobreviver até o presente.

ABSTRACT

NORDIC MEMORIES AND CHRISTIANS: NORDIC CONVERSION AS A RESULT OF MEMETIC REPLICATION

This work intends to analyze, from the notion of memetics, the relation between the Christian and Norse mythologies starting from the second Viking Age (X-XI century). Some selected excerpts were taken from the Ragnarök myth, which is contained in the poem *Völuspá*, which is found in the Poetic Edda, a collection preserved in the Codex Regius manuscript (c.1270-1300). To do so, they used, as a methodology for comparative analysis, the excerpts from the Christian Bible and Norse mythology. It is considered that the Christian elements inserted in the Norse myths, are memes that managed to replicate and to survive in an atypical space, from the contact between the two forms of religiosity. For that, we established dialogues with the following authors: DAWKINS (2007), HARARI (2016-2018), LANGER (2015), ELIADE (2016), GLEIK (2013), FAUR (2011). In order to understand the relationship between memes and religion.

Keywords: Memes. Norse mythology. Christianity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada do Brasil: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BLACKMORE, Susan. A Evolução das máquinas de memes. **Susan Blackmore**. Milão, fev. 2002. Disponível em: www.susanblackmore.uk/conferences/the-evolution-of-meme-machines-portuguese-translation. Acesso em: 10/07/2018

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. São Paulo, vol.5, n.11, Abr. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010. Acesso em: 09/09/2018

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

DAWKINS, Richard. **Desvendando o arco íris**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FAUR, Mirella. **Ragnarök; o crepúsculo dos deuses: uma introdução à mitologia nórdica**. São Paulo: Cultrix, 2011.

GLEIK, James. **A Informação: Uma história, uma teoria, uma enxurrada**. Tradução de Augusto Calil. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução de Paulo Geiger. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução de Paulo Geiger. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LANGER, Johnni. **Dicionário de Mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Editora Hedra Ltda, 2015.

LANGER, Johnni. **Na trilha dos vikings: estudos de religiosidade nórdica**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

LERATE, Luis. **Edda Mayor**: Versión de Luis Lerate. Tradução de Gabriela Pratti. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

MARUTTI, Mauri Daniel. A Bíblia como fonte historiográfica. **Webartigos**. Fev. 2008
Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-biblia-como-fonte-historiografica/4369>.
Acesso em: 10/07/2018

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. Edda em prosa, Snorri Sturluson e suas influências. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. 3, n.9, jan. 2011. ISSN 1983-2859.
Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTEL, Rubem. As influências cristãs na Völuspá. **Mitografias**. Santa Catarina, jul. 2006. Disponível em: <http://www.mitografias.com.br/2016/08/as-influencias-cristas-na-voluspa>. Acesso em: 28/06/2018

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 1998.